

A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL E SEUS NOVOS CONTEXTOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Débora Rocha Carvalho**, *Rafaelly Naira da Silva***,
*Terezinha Teixeira Joca****, *Marilene Calderaro Munguba*****

RESUMO

Trata-se de um estudo de natureza descritiva através do relato de experiência em um estágio de Psicologia. Pretende apresentar um cenário de aprendizagens oportunizado pelo setor de inclusão e acessibilidade, que prima pelo respeito às diferenças humanas e que se configura como um ambiente desafiador de uma Instituição de Ensino Superior (IES). O estudo teve como objetivo descrever uma experiência de estágio em Processos Educativos e Sociais em uma Instituição de Ensino Superior (IES), apresentando os conhecimentos teóricos e práticos construídos em um setor que atende o aluno respeitando as suas questões acadêmicas e de saúde mental. O estágio foi desenvolvido por duas discentes do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), no Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP), no período de março de 2016 a junho de 2017, com registros de diário de campo realizados por cada estagiária, sendo a análise dos dados aprofundada por transcrições dos atendimentos e relatórios do setor. O estudo fez uso do referencial teórico advindo da Psicologia, da Saúde e da Educação, o qual promoveu leituras, reflexões e discussões sobre a importância do estágio, que abarca a aceitação das diferenças e singularidades humanas, além de agregar valores e promover uma base sólida para formação do psicólogo. Identificou-se que o estágio proporcionou a práxis e a construção de conhecimento teórico mediante interface da Psicologia e a Educação Inclusiva, além de acrescer conhecimentos de ações do psicólogo como agente de mudança na promoção da aceitação das diferenças e do respeito aos direitos humanos.

Palavras-chave: Diferenças. Diferenças humanas. Psicólogo em formação. Psicologia Educacional.

* Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). ORCID: 0000-0003-2849-8632. Correio eletrônico: deboradrc@gmail.com

** Pós-graduanda em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). ORCID: 0000-0003-0130-1852. Correio eletrônico: rafaellynaira@hotmail.com

*** Doutora em Psicologia pela Universidade Autónoma de Lisboa (UAL). Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). ORCID: 0000-0002-3540-9450. Correio eletrônico: terezinhajoca@unifor.br

**** Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Educação Especial pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: 0000-0002-3663-9282. Correio eletrônico: marilenemunguba@delles.ufc.br

THE EDUCATIONAL PSYCHOLOGIST FORMATION AND ITS NEW CONTEXTS: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This is a descriptive study of an experience in an internship in the Psychology undergraduate course. It aimed to present learning opportunities promoted by the inclusion and accessibility department, which emphasizes respect for human differences in a challenging environment as a university can be. The purpose of this study was to describe an internship experience in Educational and Social Processes Course in a Higher Education Institution (HEI), presenting theoretical and practical knowledge developed in a department that treats students respecting their academic and mental health issues. The internship was developed by two students of the Psychology course in the University of Fortaleza (UNIFOR), in the Psycho-pedagogical Support Program from March 2016 until June 2017; with diaries and fieldnotes, performed by each trainee, while the analysis of the data was enriched by transcriptions of the sessions and reports of the department. The study was based on theoretical framework from Psychology, Education, and Health Studies, by means of readings, reflections and discussions about the importance of the stage that embraces the acceptance of differences and human singularity, as well as adding values and promoting a solid foundation for training the future psychologist. It was identified that the stage provided the praxis and construction of theoretical knowledge through the interface of Psychology and Inclusive Education, besides contribute to the awareness of psychologist's role as agent for change, promoting the acceptance of differences and respect for human rights.

Keywords: *Differences. Human diversity. Psychologist in training. Educational Psychology.*

LA FORMACIÓN DEL PSICÓLOGO EDUCACIONAL Y SUS NUEVOS CONTEXTOS: UN RELATO DE EXPERIENCIA

RESUMEN

Este es un estudio de naturaleza descriptiva a través del relato de experiencia en un estadio de Psicología que pretende presentar un escenario de aprendizajes promovido por el sector de inclusión y accesibilidad, que se destaca por el respeto a las diferencias humanas y que se configura como un ambiente desafiante de una Institución de Enseñanza Superior (IES). El estudio tiene como objetivo describir una experiencia de práctica en Procesos Educativos y Sociales en una Institución de Enseñanza Superior (IES), presentando los conocimientos teóricos y prácticos construidos en un sector que atiende al alumno respetando sus cuestiones académicas y de salud mental. La pasantía fue desarrollada por dos discentes del curso de Psicología de la Universidad de Fortaleza (UNIFOR), en el Programa de Apoyo

Psicopedagógico (PAP), en el período de marzo de 2016 a junio de 2017; con registros de diario de campo, realizados por cada pasante, mientras el análisis de los datos fue profundizado por transcripciones de las atenciones e informes del sector. El estudio ha utilizado un referencial teórico proveniente de la Psicología, de la Salud y de la Educación, el cual promovió lecturas, reflexiones y discusiones sobre la importancia de la pasantía que incluye la aceptación de las diferencias y singularidad humana, además de agregar valores y promover una base sólida para formación del psicólogo. Se identificó que la pasantía proporcionó la praxis y construcción de conocimiento teórico mediante la interfaz de la Psicología y la Educación Inclusiva, además de añadir conocimientos de acciones del psicólogo como agente de cambio en la promoción de la aceptación de las diferencias y del respeto a los derechos humanos.

Palabras clave: *Diferencias. Diversidad humana. Psicólogo en formación. Psicología Educativa.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta descrever uma experiência de estágio em Processos Educativos e Sociais em uma Instituição de Ensino Superior (IES), apresentando os conhecimentos teóricos e práticos construídos em um setor que atende o aluno respeitando as suas questões acadêmicas e também as referentes à saúde mental. O estágio foi desenvolvido por duas discentes do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), no Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP), setor de inclusão e acessibilidade que prima pelo respeito às diferenças humanas e configura-se como ambiente desafiador de instituição educacional, em prol de que “[...] a Educação Superior seja aberta à diversidade e possa converter-se num ambiente favorável à qualidade de vida de todos os que dela fazem parte.” (VALDÉS, 2006, p. 36).

Como referencial teórico, adotou-se, em especial, os estudos de Ayres (2004), Bauman (2011), Joca (2010), Safra (2004, 2005) e Silva (2010).

A busca por experiência teórica e prática do psicólogo em formação, no seu estágio em Processos Educativos e Sociais, correspondente à Psicologia Educacional e Escolar, ocorreu a partir da possibilidade de compor a equipe do PAP, pois havia forte interesse em conhecer o papel do psicólogo em uma IES como promotor do bem-estar da comunidade acadêmica, a partir de uma perspectiva de aceitação e respeito às diferenças humanas, mediante proposta de inclusão e promoção de acessibilidade às pessoas com deficiência e necessidades educacionais específicas (NEE), em virtude de que a “Psicologia pode se apresentar como instrumento de apoio a uma nova versão da educação, uma versão transformadora e democrática, que concebe a escola como espaço de produção e ampliação da consciência.” (VELDEN; LEITE, 2013, p. 34).

Além de conhecer como se daria a escuta clínica em uma instituição educacional visando ao bem-estar emocional da comunidade acadêmica, tal atividade “[...] torna-se um aprimoramento de sua escuta terapêutica, a articulação teórica e

prática da abordagem que fundamenta as suas intervenções e de como conduzir tal processo e de praticar a ética do sigilo.” (CARVALHO; ROSA, 2018, p. 125).

Esses aspectos têm se mostrado determinantes na formação do psicólogo e precisam ocupar espaço privilegiado, considerando que, há duas décadas, Bock (1997, p. 42) já defendia que “[...] os estudantes de Psicologia devem compreender que o aprendizado da Psicologia implica o conhecimento de todas as suas possibilidades e contribuições.”

O PAP foi criado em 2005 a partir da proposta de Educação para Todos, apresentada na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), focando o paradigma da inclusão e com um viés pedagógico. Após três anos de sua criação, com a mudança de coordenação, houve um redesenho que retirou o foco exclusivamente das notas e do desempenho acadêmico, e estabeleceu um olhar mais enfático da Psicologia. O programa passou a ofertar estágio com ênfase em Processos Educativos e Sociais aos estudantes do curso de Psicologia da Universidade por acreditar que “[...] a compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seu sofrimento e suas alegrias.” (MORIN, 2003, p. 51). Desse modo, ofertam-se novos espaços de atuação para o psicólogo educacional, pois não é comum a existência de psicólogos educacionais para atender os estudantes e as demandas destes em instituições de ensino superior. Acrescenta-se que o setor, como espaço de formação de psicólogos, pretende apresentar

[...] uma educação que faça compreender e respeitar as diferenças, tendo a diversidade como um princípio intrínseco do ser humano, para que, assim, o homem seja percebido em sua singularidade, mas também em suas condições que lhe fazem semelhante ao outro, contribuindo, deste modo, para a formação de uma consciência cidadã. (CARVALHO NETO; SILVEIRA; JOCA, 2018, p. 117).

Esse estágio passou a chamar a atenção dos alunos e a tornar-se referência para aprendizagem teórico-prática, por proporcionar essa troca, considerando as diferenças humanas, uma vez que as instituições educacionais são “[...] responsáveis pelo processo de formação e profissionalização das pessoas por meio da relação crítica e reflexiva com aspectos técnicos, teóricos, éticos e morais implicados na vida em sociedade.” (CAIXETA; SOUSA, 2013, p. 134),

Após o novo desenho do programa, houve maior procura dos serviços e, atualmente, assegura-se que a maior demanda é emocional. Fato que gera um diferencial perante outros serviços oferecidos em IES, por desenvolver a escuta e o acolhimento daquele em sofrimento no *campus*, uma vez que, no âmbito geral, as questões denominadas de emocionais correspondem a 70% do montante de atendimento. Em 2016, tal fato provocou a ampliação física do espaço e o aumento da equipe para atendimento, que passou a contar com quatro salas de atendimento, uma sala para estagiários e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma para recepção e uma sala de apoio. Como recurso humano, formou-se uma equipe com uma coordenadora (psicóloga e psicopedagoga), um psicólogo, uma terapeuta ocupacional, três estagiários de Psicologia, com bolsa da instituição e dedicação de 20h e 30h semanais para o setor, acrescida de 10 estudantes de Psicologia em estágio curricular em Processos Educativos e Sociais.

Além disso, foi percebido o sofrimento dos estudantes em relação às atividades avaliativas, como Leite-Salgueiro, Nunes e Caldas (2018, p. 78) afirmam:

[...] os estudantes universitários vêm figurando como um segmento da população que vem sendo muito exigido, pois, além de uma formação escolar e técnica, lhes é requerida uma desenvoltura socialmente competente, principalmente no manejo das relações interpessoais, para um mercado de trabalho futuro e cada dia mais exigente.

Nesse sentido, para acolhê-los, formaram-se grupos para trabalhar em uma oficina de desenvolvimento de habilidades emocionais, da qual fomos facilitadoras e podemos afirmar que “[...] o que fica dessa experiência é que o profissional de psicologia, seja no contexto clínico ou não, deve sempre estar atento para as demandas que surgem por parte daqueles que buscam seu trabalho.” (SILVA *et al.*, 2018, p. 181), ao mesmo tempo que se “[...] considera que a tarefa do psicólogo é contribuir com o seu conhecimento sobre as relações que se processam na instituição para repensar as relações escolares e as subjetividades produzidas nessas relações.” (SOUZA, 2007, p. 261).

O acréscimo de demanda é condizente com novos sofrimentos psíquicos aflorados não apenas na área estudantil mas também na sociedade em geral, dado que “[...] o ser humano é continuamente afetado pelos acontecimentos no mundo. As transformações socioculturais e seus efeitos na estética, na ética, nas relações entre homens, acarretam novos modos de subjetivação e novas formas de sofrimento.” (SAFRA, 2004, p. 21). Além do mais, pensando que “[...] a psicologia escolar, como área da psicologia, deve fornecer um olhar psicológico sobre as relações na escola e, a partir deste olhar, auxiliar na melhoria destas e dos processos educativos.” (SANTOS; TOASSA, 2015, p. 282), o programa elaborou um projeto intitulado “Mediação do Educador para Docência Inclusiva e Acessível no Ensino Superior (MEDIA)”, com objetivo de identificar as necessidades de adaptação nos processos de aprendizagem e na criação de estratégias metodológicas no processo de inclusão, a fim de possibilitar o ingresso e a permanência dos estudantes com deficiência ou com necessidades educacionais específicas, uma vez que “[...] compreender [...] como essas pessoas aprendem é determinante para reunir condições adequadas para ensiná-las.” (MUNGUBA, 2010, p. 295).

De forma geral, das mais diversas experiências vividas no programa, foi possível acompanhar os estudantes desde o processo do vestibular, visando à inclusão e à participação de todos que buscam a sua inserção no ensino superior e apresentam alguma necessidade educacional específica ou deficiência. Desse modo, junto à equipe do programa, as estagiárias de Psicologia participaram do processo seletivo como “fiscais de apoio” para mediar o acesso do candidato, atuando como ledoras, transcritoras e acolhedoras daqueles que apresentaram limitações e questões emocionais no momento avaliativo, considerando que essas atividades de rotina no setor se caracterizam também como “[...] atividades desenvolvidas individualmente, pelas quais o psicólogo responde sozinho, perpassam todos os setores da escola e podem estar voltadas para todos os sujeitos da instituição.” (MARTINS; LUNA, 2013, p. 54).

Nesse sentido, o programa oportunizou a práxis de forma diversa, englobando as mais variadas demandas e permitindo desenvolver segurança para a sua

atuação, inicialmente a partir da observação e intervenção com a metodologia do paciente simulado, para que pudesse desenvolver a sua formação e intervir com estudantes, professores e pais. Também houve o incentivo à pesquisa por meio do grupo de estudo, da participação em eventos acadêmicos e, até mesmo, da organização de encontros sobre inclusão, o que deu uma visão mais ampla de teoria, prática, pesquisa e extensão, pois se acredita que “[...] a pesquisa aprimora e produz novos conhecimentos, os quais são difundidos por meio do ensino e da extensão, fazendo com que esses três pilares balizadores da formação universitária tornem-se complementares e interdependentes, atuando de forma sistêmica.” (PIVETTA *et al.*, 2010, p. 378). Além do mais, houve a contribuição com projetos e campanhas de esclarecimento sobre a necessidade de respeito às diferenças.

2 METODOLOGIA

Este estudo consistiu em um relato de experiência na modalidade descritiva (SEVERINO, 2016). Descrevemos a nossa experiência durante o estágio de Psicologia Educacional no Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP), responsável pela acessibilidade, pelo bem-estar emocional e pela inclusão na comunidade acadêmica, no período de março de 2016 a junho de 2017. Apresenta-se um olhar qualitativo (MINAYO, 2013), que abordou a problemática a partir de métodos descritivos e observacionais, a fim de descrever o que foi vivido por duas estagiárias do curso de Psicologia, no programa, com a proposta de religar teoria e prática, além de apoiar a comunidade acadêmica por meio das atividades desenvolvidas no estágio.

Os procedimentos para fundamentar a elaboração desta análise incluem uma revisão bibliográfica acerca das temáticas, como inclusão educacional, escuta psicológica, diferenças humanas, além da análise dos registros das estagiárias em diário de campo (MINAYO, 2013; SEVERINO, 2016) sobre suas experiências no cotidiano do programa.

Periodicamente, o grupo de estagiárias e professoras (autoras deste artigo) se reunia para discutir as leituras e compilar informações relevantes para a construção deste relato com o estabelecimento de diálogo com os teóricos, para revelar o perpasso de teoria e prática. Vale salientar que, além da supervisão da professora orientadora de estágio, havia a orientação da professora terapeuta ocupacional, com *expertise* em educação inclusiva, a fim de desenvolver práticas assertivas em relação às especificidades dos estudantes e de seus processos de aprendizagem. Havia também a participação em um grupo de estudo das temáticas inclusão, educação no ensino superior, direitos humanos e psicologia educacional e escolar, a fim de desenvolver pesquisas e produzir textos sobre a temática. Desse modo, a pesquisa inseria-se como metodologia nos processos de aprendizagem, desde a graduação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando a relevância da formação em serviço, concordamos com Freire (2016, p. 67) quando este ressalta que “[...] a teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem a teoria vira ativismo.” Em se tratando do psicólogo em formação, a parceria ensino-serviço tem se mostrado determinante para o estabe-

lecimento da práxis pelo aluno, assim como para a sensibilização e o desenvolvimento da empatia, com base na vivência da cultura organizacional e da rotina de um serviço, na relação com os profissionais do serviço e contando com supervisão criteriosa. Freire (2013, p. 39) enfatiza que “[...] o momento fundamental dessa formação é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”

Diante de um mundo apressado, globalizado e competitivo, Bauman (2011, p. 150) pondera que “[...] há um anseio intenso por uma força confiável e segura a qual se possa recorrer para investigar o invisível e confrontar diretamente o que é obscuro e se oculta de forma traiçoeira.” As pessoas em busca dessa força de querer vencer o adversário e as situações desenvolvem o adoecimento, pois tudo é muito rápido. Quando conseguem alcançar seus objetivos, parece que estes já não fazem mais sentido, pois já passaram, já não mais seriam o que desejavam, quer-se mais, como uma busca pela “felicidade, desesperadamente” (COMTE-SPOVILLE, 2001). Em relação ao que se disse acima, Safra (2005, p. 13) corrobora esse entendimento ao afirmar que

[...] o mundo atual apresenta problemas e situações que levam o ser humano a adoecer em sua possibilidade de ser: ele vive hoje fragmentado, descentrado de si mesmo, impossibilitado de encontrar, na cultura, os elementos e o amparo necessário para conseguir a superação de suas dificuldades psíquicas.

Desse modo, o estágio desenvolvido promove o contato com o mundo do outro. Constatam-se assim, cada vez mais, as diferenças humanas e a necessidade de respeito e de desenvolvimento da habilidade para lidar com todos na comunidade acadêmica, promovendo oportunidades para o exercício da cidadania, além de oportunizar o contato consigo para conhecer suas fragilidades e potencialidades. O aluno que busca o programa pode vir a perceber novas formas de relacionar-se consigo e com o mundo, entrelaçando as percepções, gerando um bem-estar e revelando novos caminhos para uma aprendizagem significativa.

As escutas realizadas nos atendimentos do programa representam uma fala autêntica dos alunos que procuram um espaço que respeite as singularidades, no qual se aceita a pessoa como responsável pelo seu próprio discurso, reconhecendo-o como sujeito que busca ter voz e constituir-se a partir de suas escolhas, proporcionando o empoderamento e o reconhecimento de ser copartícipe de seu processo acadêmico e gestor de sua vida, fazendo desse processo de empoderamento um ato de transformação do seu próprio mundo, a partir de suas experiências, considerando o contexto e a forma de subjetivação de cada uma dessas pessoas.

Em contrapartida, o aluno, quando não é acolhido em sua singularidade ou não tem um espaço de fala acerca do seu sofrimento ou das suas dificuldades, poderá sentir-se excluído ou impossibilitado de fazer-se sujeito, “[...] poderá abortar os seus sonhos ao se deparar com o estigma de incapaz, seja de diferente, por não respeitar ou cumprir o padrão esperado.” (JOCA; CAVALCANTE JUNIOR, 2010, p. 90). A importância dos atendimentos revela o aspecto de oferecer um espaço de reflexão para que o aluno possa se implicar em seu processo acadêmico e em sua vida pessoal.

Ressaltamos que esse serviço realizado no programa não se configura como um atendimento clínico, como em processos psicoterápicos, mas como acompanhamento e acolhimento a partir de uma escuta clínica. A partir dessa relação de acolhimento, identifica-se o grau de comprometimento e da necessidade de escuta, além do acompanhamento necessário do estudante em sua singularidade, para estabelecer mediações com outros setores e realizar os devidos encaminhamentos.

Em nossa prática diária no PAP, identificamos atividades que se relacionam com a proposta dos “projetos de felicidade” (AYRES, 2004). Mediante atitudes profissionais que visam ao exercício humanizado, mantemos uma relação com os estudantes atendidos pelo programa voltada para a potencialização do sentido próprio de existir, por meio de suas experiências – sejam positivas, sejam aparentemente negativas. O importante é que identifiquem em suas vivências o que é felicidade e o que os leva a existir, servindo como um norte para a concretização de seus projetos de vida. Por outro lado, “[...] a experiência dos atendimentos para os estagiários de Psicologia oportuniza avaliar, intervir, encaminhar e acompanhar os alunos que procuram o setor.” (CARVALHO; ROSA, 2018, p. 125).

Desde então, o psicólogo em formação, sob a supervisão da psicóloga coordenadora do programa, exercita a prática do sigilo, que oportuniza uma conduta ética daquele que se prepara para exercer sua profissão e gera o sentimento de respeito naquele que é atendido, porque “[...] todos os casos ao chegarem ao programa devem ser atendidos a partir dos princípios éticos da profissão e com respeito aos direitos humanos.” (SARAIWA; JOCA, 2012, p. 65).

O exercício ético vivenciado na prática e o ganho de saberes dialogados durante o estágio proporcionaram um leque maior de possibilidades e enriquecimento em nossa formação de estudantes de Psicologia e nos fez implicar, de forma significativa, em nossa formação, mostrando que a Universidade, além de um local de formação de profissionais das diversas áreas, também pode ser promotora de ambiente que favoreça a aceitação, o bem-estar e a inclusão das minorias, e que ensina a valorização do outro em sua diferença e a atuação profissional com respeito às pessoas. Ressalta-se que “[...] a teoria e a prática precisam estar alinhadas com os conteúdos relacionados aos direitos humanos nos níveis de ensino, pesquisa e extensão, de modo a minimizar a propagação de discursos e práticas que validam as diferenças de forma negativa e limitante.” (MUNGUBA; JOCA; SILVA, 2018, p. 194).

Em outras palavras, pode-se dizer que as psicólogas em formação passaram pelas quatro dimensões oferecidas pelo programa, as quais abrangem a acessibilidade, a psicopedagogia, a psicologia e a pesquisa. A partir disso, elas entraram em contato com as diversas formas de inclusão (arquitetônica, pedagógica, comunicacional e atitudinal) na busca de um enriquecimento para a sua formação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada revela que a formação de profissionais psicólogos, além de supor a preparação, mediante um ensino de qualidade, necessita do estabelecimento da práxis para construir o exercício de uma prática assertiva com

competência no uso dos saberes de sua área, por intermédio de práticas éticas e respeitadas diante das diferenças humanas. Podemos afirmar que, nesta proposta de estágio, que traduz a semente de nossa práxis, revela-se a possibilidade de atuação do psicólogo a partir de uma postura crítica e proativa frente às demandas das diferenças humanas e sugere-se a quebra dos estigmas criados por uma sociedade excludente mediante suas barreiras atitudinais.

Aduz-se que, ao refletir sobre o que foi apresentado, pode-se afirmar que a instituição em questão, ao criar o programa e ao redesenhá-lo para atender a questão do sofrimento psíquico do aluno, mostra-se pensando em agir de forma a atender a proposta de atenção, prevenção e intervenção, além de criar oportunidade para que o aluno, psicólogo em formação, cresça em suas competências necessárias ao exercício da profissão.

REFERÊNCIAS

- AYRES, J. R. C. M. Cuidado y reconstrucción de las prácticas de Salud. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 8, n. 14, p. 73-92, set. 2003/fev. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v8n14/v8n14a04>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- BAUMAN, Z. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BOCK, A. M. B. Formação do Psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, p. 37-42, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v17n2/06.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.
- CAIXETA, J. E.; SOUSA, M. A. Responsabilidade social na educação superior: contribuições da psicologia escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 133-140, jan./jun. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572013000100014>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n1/a14v17n1.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2019.
- CARVALHO, D. R.; ROSA, J. M. S. Estágio no programa de apoio psicopedagógico: um espaço de desafios e constituição de conhecimentos teóricos e práticos. In: JOCA, Terezinha Teixeira *et al.* (org.). *Nuances da inclusão no ensino superior*. Jundiaí: Paco, 2018. p. 119- 133.
- CARVALHO NETO, A. S.; SILVEIRA, F. C. S.; JOCA, T. T. A inclusão e a diversidade no ensino superior. In: JOCA, T. T. *et al.* (org.). *Nuances da inclusão no ensino superior*. Jundiaí: Paco, 2018. p. 107-118.
- CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática docente no ensino superior. *Revista Educação Especial*, n. 27, 2005. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2006/01/a6.htm>. Acesso em: 18 maio 2018.
- COMTE-SPONVILLE, A. *A felicidade, desesperadamente*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

- JOCA, T. T. Circulando entre razão e emoção. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SETE SABERES, 1., 2010, Fortaleza. *Anais eletrônicos* [...]. Fortaleza, 2010.
- JOCA, T. T.; CAVALCANTE JUNIOR, F. S. A educação necessita de eros. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v. 25, n. 1, p. 88-99, jan./jun. 2010.
- JOCA, T. T.; MONTENEGRO, A. M.; DIAS, P. A. A educação inclusiva em IES através de um programa de apoio psicopedagógico. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SETE SABERES, 1., 2010, Fortaleza. *Anais eletrônicos* [...]. Fortaleza, 2010.
- LEITE-SALGUEIRO, C. D. B.; NUNES, F.C. M. C.; CALDAS, M. T. Análise das habilidades sociais de um grupo de estudantes universitários: bom repertório e desempenho socialmente competente. *Educação em Debate*, Fortaleza, v. 40, n. 75, p. 76-89, 2018.
- MARTINS, T. G.; LUNA, S. V. Atuação do psicólogo escolar: análise de práticas que visam atender à perspectiva inclusiva. In: MARTINS, S. E. S. O.; GIROTO, C. R. M.; SOUZA, C. B. G. (org.). *Diferentes olhares sobre a inclusão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 45-56.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MUNGUBA, M. C. Educação na saúde: sobreposição de saberes ou interface? *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 23, n. 4, p. 295-296, 2010.
- MUNGUBA, M. C.; JOCA, T. T.; SILVA, R. N. da. Media - investimento na formação em serviço do professor para a acessibilidade e inclusão no ensino superior In: JOCA, T. T. et al. (org.). *Nuances da inclusão no ensino superior*. Jundiaí: Paco, 2018. p. 183-198.
- PIVETTA, H. M. F. et al. Ensino, pesquisa e extensão universitária: em busca de uma integração efetiva. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 16, n. 31, p. 377-390, 2010.
- SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e prática*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.
- SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.
- SANTOS, F. O.; TOASSA, G. A formação de psicólogos escolares no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 279-288, 2015.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2016.
- SILVA, R. R. *O perfil de saúde de estudantes universitários: um estudo sob o enfoque da psicologia da saúde*. 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- SILVA, R. N. et al. Do medo de avaliação à quebra das barreiras internas intermediada pelos encontros da oficina (pre) tensão. In: JOCA, T. T. et al. (org.). *Nuances da inclusão no ensino superior*. Jundiaí: Paco, 2018. p. 173-182.

- SOUZA, M. P. R. A psicologia escolar e o ensino de psicologia: dilemas e perspectivas. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 8, n. 2, p. 258-265, 2007.
- UNESCO. *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca: UNESCO, 1994. Editada a partir da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade.
- VELDEN, H. F. V.; LEITE, L. P. A interface entre a psicologia e a inclusão educacional. In: MARTINS, S. E. S. O.; GIROTO, C. R. M.; SOUZA, C. B. G. (org.). *Diferentes olhares sobre a inclusão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 23-43.
- VALDÉS, M. T. M. A inclusão no ensino superior: In: VALDÉS, M. T. M (org.). *Inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior no Brasil: caminhos e desafios*. Fortaleza: Eduece, 2006. p. 27-37.